

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAMILA BARBOSA DE MOURA

Ainda Estou Aqui:
Relatório Técnico de Documentário

Maceió
2021

CAMILA BARBOSA DE MOURA

Ainda Estou Aqui:
Relatório Técnico de Documentário

Orientador (a): Profa. Dra. Priscila Muniz de
Medeiros

Maceió
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M929a Moura, Camila Barbosa de.

Ainda estou aqui / Camila Barbosa de Moura. – 2021.
23 f. : il.

Orientadora: Priscila Muniz de Medeiros.

Relatório técnico (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação
e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 23.

1. Pinheiro (Maceió, AL). 2. Braskem (Firma). 3. Solos. 4. Jornalismo.
I. Título.

CDU: 070:332.5

Ainda Estou Aqui:
Relatório Técnico de Vídeo-documentário

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Priscila Muniz de Medeiros
Orientadora

Profa. Magnólia Rejane Andrade dos Santos
Examinadora Interna

Jornalista Lírida Nerys
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e meu irmão, que nunca usaram o tempo que tinham comigo para questionar a minha capacidade, desde o dia que saí de casa.

Aos meus amigos, colegas de trabalho e de uma vida inteira. Uadson Barros, Lírida Nerys, Albiégio Gouveia e meu “padrinho” de curso, Thyeres Medeiros, que atravessou todo esse período ao meu lado.

Aos meus parceiros de produção que me ajudaram a chegar até a porta de cada personagem deste documentário. Adelaide Nogueira, Eduardo Cardeal e Cris, moradora ilustre do Mutange. Ao Igor Couto, parceiro de imagens e de paciência, minha imensa gratidão.

Aos meus chefes e mestres que me conduziram até este momento. Janylle Bezerra, Elen Oliveira, Magnólia Santos, Priscila Muniz e Fábio Costa. Esse último agradeço também a compreensão e confiança.

A todos os moradores dos bairros atingidos pelo afundamento do solo que concordaram em falar comigo e até os que, por motivos maiores, não conseguiram participar. Todo o meu carinho e empatia àqueles que não têm mais a própria casa como o lugar mais seguro do mundo.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um projeto audiovisual com o desenvolvimento de um relatório de produção. O produto final deste projeto é um documentário, intitulado Ainda Estou Aqui, disponibilizado em seu próprio canal no YouTube. A proposta de criar um canal apenas para o produto tem o objetivo de facilitar o acesso ao conteúdo por meio da plataforma online, democratizando o seu compartilhamento. O conteúdo do documentário trata da permanência de moradores em bairros atingidos pelo afundamento do solo em Maceió, Alagoas. Mesmo com as moradias e comércios localizados em áreas de risco e com ordem evacuação pelas Defesas Civas Nacional e Municipal, esses personagens seguem suas vidas e negócios sob o risco de um desastre sem precedentes no país. O objetivo é, além de mostrar como os bairros se encontram após quase três anos do início da evacuação, também chamar a atenção para a situação em que esses personagens vivem e trabalham, em meio aos escombros e à falta de segurança.

Palavras-chave: Pinheiro. Maceió. Braskem. Solo. Jornalismo.

ABSTRACT

This work is an audiovisual project with the development of a production report. The final product of this project is a documentary, entitled I'm Still Here (Ainda Estou Aqui), available on its own YouTube channel. The proposal to create a channel just for the product aims to ease access to the content through the online platform, democratizing its sharing. The content of the documentary deals with the permanence of residents in neighborhoods affected by the sinking soil in Maceió, state of Alagoas. Even with homes and businesses located in risky areas and evacuated by the National and City Civil Defenses, these characters continue under the risk of an unprecedented disaster in the country. The objective is, in addition to showing how the neighborhoods find themselves almost three years after the start of the evacuation, also to draw attention to the situation in which these characters live and work, amidst the rubble and lack of security.

Keywords: Pinheiro. Maceió. Braskem. Soil. Journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. GÊNERO QUE CHAMA A ATENÇÃO PARA O MUNDO QUE OCUPAMOS.....	10
3. REPRESENTAR É FUNDAMENTAL.....	11
4. OS PERSONAGENS.....	12
5. AMBIENTAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO.....	16
6. MAPA DE LINHAS E AÇÕES PRIORITÁRIAS.....	18
7. OS NÚMEROS.....	19
8. CANAL NO YOUTUBE.....	20
9. E COMO FICA QUEM FICA?.....	21
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

Moradores de cinco bairros de Maceió, em Alagoas, enfrentam a ameaça de uma tragédia sem precedentes. Os primeiros eventos foram registrados em março de 2018 no Pinheiro, bairro emblemático por ter sido o mais afetado em relação ao tamanho dos demais. Foi nele que, durante o período de chuvas daquele ano, um tremor de terra chamou a atenção das autoridades locais para o que estava acontecendo na região.

Logo após, começaram a surgir rachaduras nos prédios, casas e estabelecimentos comerciais e crateras se formaram em vias públicas. Mesmo sem laudos conclusivos, a Prefeitura de Maceió decretou a situação de emergência, que foi reconhecida pelo Governo Federal.

Em maio de 2019, após meses de estudos, o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) divulgou o resultado do relatório técnico sobre a Instabilidade do Terreno nos bairros. A conclusão apontou que extração de sal-gema, um tipo de cloreto de sódio utilizado na fabricação de soda cáustica e PVC, feita pela empresa mineradora Braskem, numa região onde já existiam falhas geológicas, provocou o problema, que foi agravado pela infiltração de água no solo. Com isso, a petroquímica paralisou a atividade de extração de sal e nas fábricas de cloro-soda e dicloreto em Maceió.

O CPRM e as Defesas Civas Nacional e Municipal consideram a situação o maior desastre em curso no país. O caso do afundamento do solo nos bairros do Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto e Farol ganhou repercussão nacional e um acordo bilionário foi firmado para que os donos de imóveis nas áreas atingidas fossem realocados e indenizados. Os moradores que deixaram suas casas tiveram direito a uma auxílio-moradia do Governo Federal no valor de R\$ 1 mil por família.

A maioria dos afetados recebeu o auxílio e deixou sua residência, porém, uma parte dos moradores, pelos mais diversos motivos, não conseguiu sair de casa e até hoje, quase três anos depois, segue morando em áreas de risco.

Ainda em 2019, o Ministério Público de Alagoas notificou a Prefeitura de Maceió para que fizesse a retirada imediata dos moradores da área vermelha do mapa de risco, tornando a estadia inviável, cortando, inclusive, a água e a luz de quem não evacuasse a área.

No segundo semestre de 2021, essas áreas ainda são ocupadas por muitos moradores e comerciantes. Cada um deles com suas razões para não deixar seus lares e negócios, mesmo em uma região condenada e com risco de afundamento.

Com pouco ou quase nenhum fluxo de pessoas, esses personagens seguem suas vidas sem vizinhos ou clientes constantes, em meio aos escombros, à vegetação que toma conta da área e pragas que se proliferaram nos prédios abandonados.

2. GÊNERO QUE CHAMA A ATENÇÃO PARA O MUNDO QUE OCUPAMOS

Diante dos inúmeros veículos de expressão que poderiam ser usados para contar a história das vítimas do afundamento do solo em cinco bairros da capital alagoana, o documentário tem o poder de situar, com o auxílio de imagem e som, o público.

Em *Introduction to Documentary (2001)*, de Bill Nichols, o autor descreve o gênero documentário como o ideal para “abordar o mundo que vivemos e não um mundo imaginado pelo cineasta” (NICHOLS, 2001, p. 17). O que aconteceu, e segue acontecendo, em Maceió, é uma realidade distante até para moradores de outros bairros. A importância da imagem e do som (ou ausência dele) integra o telespectador.

[...] Aqueles que adotam o documentário como veículo de expressão desviam nossa atenção para o mundo que já ocupamos. Fazem isso com a mesma engenhosidade e inventividade que os cineastas de ficção usam para atrair nossa atenção para mundos que, de outra forma, jamais conheceríamos. (NICHOLS, 2001, p. 20)

O autor divide o gênero em dois tipos, partindo do princípio de que todo filme é, de fato, um documentário. Seriam eles: documentários de satisfação de desejos e documentários de representação social. Os produtos de satisfação dos desejos englobam o gênero ficção. Onde um mundo totalmente alheio ao nosso, cria uma realidade paralela, frações de um mundo real criado principalmente para o deleite.

Nos documentários de representação social, os classificados como não ficção, proporcionam a visão do cineasta sobre o mundo que compartilhamos. De acordo com a montagem do autor, aspectos da verdade são contados, por meio de afirmações e argumentos escolhidos pelo cineasta.

Os dois tipos exigem a interpretação do consumidor para que ele decida o que tomar como verdade. Para isso, a compreensão do produto depende também da escolha da montagem e de como aquela história será contada, quais aspectos serão de maior relevância e quais ficam em segundo plano, podendo ser tomadas como verdade tanto a ficção quanto a não ficção.

A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros. (NICHOLS, 2001, p. 27)

O documentário de não ficção retrata pessoas, lugares e coisas que poderiam ser vistas por qualquer pessoa que estivesse naquele local. Com essa base de crença, aceita-se a legitimidade do material. “Os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente” (NICHOLS, 2001, p. 30).



(Foto: Faixa estendida na Rua Professor Mário Marroquim, no bairro do Pinheiro, em Maceió)

3. REPRESENTAR É FUNDAMENTAL

Quando se trata de uma produção de não ficção, fazer com que as pessoas se sintam representadas é fundamental. Personas diferentes das retratadas no material podem se identificar com as situações representadas, mesmo estando distantes fisicamente.

O valor desse personagem para o cineasta está em quanto ele consegue retratá-lo fidedignamente. “O que fazer com as pessoas? Formulada de outra maneira, a pergunta é “que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?” (NICHOLS, 2001, p. 32).

Em um artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 2001, João Moreira Salles, documentarista e fundador da revista *Piauí*, dá a sua opinião sobre o conflito ético que o cineasta enfrenta ao retratar personagens que enfrentam problemas distantes dos seus próprios. Ele responde a pergunta “É possível evitar a idolatria ou a demonização do que é filmado?” da seguinte maneira:

Sim, mas de todas as dificuldades que um documentarista enfrenta, essa é a mais árdua. No Brasil, documentarista geralmente é alguém favorecido filmando quem não é. Essa é uma situação complicada. Por mais que o documentarista negue, algum grau de culpa social acaba entrando nessa equação. Aliás, seria muito estranho se não entrasse. (Três questões sobre documentário. *Folha de São Paulo*, 04/03/2001)

A cineasta santamariense Carolina Berger faz parte desta nova geração de cineastas e acredita que o olhar feminino sob uma produção documental traz uma sensibilidade maior ao conteúdo proposto. “Existe uma questão da sensibilidade feminina e isso está muito presente nas obras [...]” das realizadoras gaúchas. Ela foi a única exceção entre as entrevistadas a reconhecer que “[...] a mulher tem a particularidade de trabalhar com uma certa leveza e de respeitar o outro nesse encontro. Não se pode generalizar, mas em alguns casos, me parece que o homem é mais pragmático que a mulher” (TOMAIM, 2013).

4. OS PERSONAGENS

A curadoria dos personagens para o documentário exigiu uma sensibilidade maior, levando em conta a situação de estresse que todos enfrentam diante dos motivos que os fizeram continuar em áreas condenadas. O processo de convencimento foi árduo e alguns não quiseram ser gravados, tanto pelos esgotamentos físicos e psicológicos, quanto por questões de segurança, já que a maioria tem histórico de invasões domiciliares desde o início da evacuação dos bairros.

Jorge Gonzaga foi o primeiro a aceitar falar sobre a sua situação. Figura conhecida do bairro e símbolo de resistência, ele é o único morador de uma quadra, que agora está interditada, situada em uma das ruas mais emblemáticas do Pinheiro, a Rua Professor Mário Marroquim. Com crateras que se formam a cada esquina, a rua abriga a casa de Jorge e, segundo ele, mais quatro vizinhos.

O morador vive há 7, dos 17 anos que está no Pinheiro, na casa que “namorou” uma vida inteira. Quando finalmente conseguiu comprar e terminar toda a reforma, o bairro deu os primeiros sinais do colapso no solo. Jorge diz não sair da casa em que mora com a esposa e as duas filhas pelo valor baixo da indenização ofertada pela Braskem. E que com ele, só poderia financiar um imóvel muito menor e em uma área afastada do centro da cidade.



(Foto: Jorge Gonzaga, morador do bairro do Pinheiro há 17 anos)

Nijauro Filho herdou do pai uma das padarias mais famosas do Pinheiro. Há 32 anos, a Panificação Nossa Senhora da Conceição é parada obrigatória dos amantes de uma receita familiar e nostálgica. Hoje, apenas com a clientela que vem do fluxo de carros da Rua Basileu de Meira Barbosa, Nijauro conta que sem isso, não teria a quem vender nenhum dos produtos fornecidos na panificação.

O pai, Nijauro Joventino Ribeiro, estampou manchetes no final de 2020 por resistir e continuar morando na casa que construiu acima da panificação. Ficou conhecido como o dono da padaria de um bairro fantasma. Nijauro Ribeiro faleceu em março deste ano, vítima da Covid-19. Desde então, seu filho luta por uma indenização justa, que consiga transferir o negócio para uma localização tão cheia de clientes fiéis quanto o antigo Pinheiro.



(Foto: Nijauro Filho, dono da Panificação Nossa Senhora da Conceição)

Vaildo Farias também mantém vivo um negócio que começou com o seu pai. A Marcenaria do Sr. Vanildo existe desde antes do Vaildo nascer, sempre no mesmo lugar, na Rua Manoel Sampaio, em Bebedouro. Aprendeu com o pai o ofício e até hoje os clientes vão até lá à procura do serviço, mesmo ele sendo o único morador daquela região.

O marceneiro mora em uma casa construída pela avó, que agora abriga apenas ele e aos fundos, funciona a marcenaria. Alvo de ações criminosas por morar sozinho, Vaildo desenvolveu o próprio sistema de segurança, instalando câmeras ao redor do imóvel. Ele nunca recebeu nenhuma parcela do auxílio-moradia e também não aceitou a proposta da Braskem. Segundo ele, o valor jamais daria para manter uma casa e o espaço para trabalhar em outro bairro.



(Foto: Vaildo Farias, morador do Bebedouro há 50 anos)

Áurea Montes é moradora do Pinheiro há 25 anos. A sua relação com o bairro é extremamente ligada à Paróquia Menino Jesus de Praga, situada na Rua Professor Mário Marroquim. Lá ela casou e participou da primeira comunhão do filho único. Hoje, ministra de eucaristia de uma Paróquia numa área de risco, Áurea diz que o funcionamento da igreja é o amparo de muitos moradores que não deixaram de frequentar as missas diárias.

A ministra, que morava ao lado da Paróquia, já foi realocada e mantém uma casa alugada com o auxílio-moradia, mas em nenhum momento deixou de ir até a igreja. O prédio segue intacto, sem nenhuma rachadura, com uma estrutura que passou por uma reforma recente. Quem entra, esquece que ao redor a estadia é impossível. Segundo Áurea, eles também não têm interesse em mudar a Paróquia de lugar pela proposta de indenização recebida.



(Foto: Áurea Montes, moradora do Pinheiro há 25 anos)

Um das personagens mais intrigantes e resistentes não pôde fazer parte do documentário. O primeiro contato foi feito e o encontro foi marcado, porém, um dia antes de gravar, dois criminosos tentaram invadir a casa dela. Priscila mora com o marido e a vó acamada num condomínio de 60 apartamentos, todos esvaziados, menos o dela.

A dupla conseguiu subir as escadas do prédio e arrombar a porta da casa dela, o casal defendeu o que restou do seu patrimônio como pôde, usando uma arma e um facão. A polícia militar foi acionada, mas ninguém foi preso.

Uma terceira pessoa avisou que a jovem não concederia mais a entrevista. Esgotada, em um nível diferente dos demais personagens.

5. AMBIENTAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO

Proporcionar ao telespectador a sensação de que se está preso ao mesmo ambiente que os personagens fazem parte de uma construção audiovisual. Eduardo Coutinho, cineasta e jornalista brasileiro, faz isso com maestria em *Boca de Lixo (1993)*.

Um dos elementos que mais chamam a atenção em particular é o fato de ser um filme sobre o método. Nele, Coutinho faz da filmagem a sua pesquisa ao deixar evidentes os seus dispositivos. (BACAL, 2016)

As primeiras investidas da equipe em filmar personagens em um lugar que elas não gostariam de estar é recebida com olhares e frases negativas, como demonstra o início do documentário. A aproximação com pessoas tão vulneráveis é um desafio para a continuidade das gravações.

As cenas de rostos cobertos com camisas, com mãos sujas que se levantam para cobrir a lente da câmera, são cenas que revelam todas as camadas de perspectivas em jogo no momento do encontro com a câmera. A consciência do jogo de espelhos da imagem é jogada ao centro dos filmes de Coutinho. (BACAL, 2016)

Retratando o labor dos personagens, o principal ambiente é o próprio Lixão de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Mesmo indo até as casas de alguns deles e mostrando as diferentes funções que os trabalhadores exercem naquele meio, a impressão é que nunca se sai de lá. As cores são as mesmas. Independentemente de estar em casa ou no trabalho, os personagens de *Boca de Lixo (1993)* parecem presos aos desafios em ambas as situações.



(Foto: Documentário *Boca de Lixo* (1993). Personagem aborda diretor e diz que ele deveria mostrar a situação do Lixão de São Gonçalo para Fernando Collor, presidente do Brasil na época da gravação)

A abordagem inicial que Coutinho faz no documentário também é um ponto importante a ser discutido. Em uma entrevista após o término das gravações, ele explica que chegou até o local com apenas uma pergunta: “Como é trabalhar no lixo? É bom ou ruim?” E que esse tipo de pergunta abriu margem para uma série de reações negativas, como é perceptível no início de *Boca de Lixo*.

Com o passar dos dias, o diretor optou por perguntar sobre a história dos trabalhadores daquele local e todo o enredo foi se desenhando. As pessoas ficaram mais confortáveis em dizer como viviam e o que faziam com o material retirado do Lixão de São Gonçalo.

A equipe conseguiu chegar até às casas das pessoas, um sinal de intimidade. Uma das personagens mais encantadoras do documentário confessa ao diretor que tem o sonho de ser cantora e canta, a capella, *Sonho por Sonho*, de Leandro e Leonardo. Essa talvez seja a maior interação entre equipe e personagem.

6. MAPA DE LINHAS E AÇÕES PRIORITÁRIAS

De acordo com a versão 4 do Mapa de Linhas de Ações Prioritárias, desenvolvido pela Defesa Civil de Maceió, junto com a Defesa Civil Nacional e com o apoio técnico do CPRM, apresentado ao Ministério Público Federal em dezembro de 2020, as áreas afetadas pela instabilidade do solo se dividem em níveis de criticidade.



Em verde escuro estão as áreas de criticidade 01, que correspondem aos locais de monitoramento, com possibilidade de fraturamento e processos erosivos, movimento de massa e alagamentos, com possibilidade de realocação em casos de expansão. Já as áreas de criticidade 00, em verde claro, são as zonas de risco de dolinamento¹, compreendendo os locais de realocação de moradores. Todos os personagens que fazem parte do documentário Ainda Estou Aqui moram ou frequentam estabelecimentos em locais de criticidade 00.

7. OS NÚMEROS

Um Termo de Acordo firmado entre Braskem, Ministério Público Federal, Ministério Público do Estado de Alagoas, Defensoria Pública da União e Defensoria Pública do Estado de Alagoas possibilitou o apoio à desocupação das áreas identificadas pela Defesa Civil nos cinco bairros afetados em Maceió.

O Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação surgiu desse acordo e, segundo a Braskem, registrou, até o fim do mês de junho, 7.519 propostas de indenização apresentadas. Destas, 5.251 já receberam a indenização. Até agora, a Braskem pagou R\$ 1,1 bilhão em indenizações.

Em relação à desocupação, 14.394 imóveis do mapa definido pela Defesa Civil foram identificados nas áreas de risco e 13.641 estão desocupados. São mais de 50 mil pessoas realocadas até o momento. O prazo para que os demais moradores deixem suas casas é até o final de 2022.

Todos os personagens que fazem parte do documentário Ainda Estou Aqui não deixaram de morar, empreender e nem frequentar locais que já deveriam ter sido realocados, de acordo com o último Mapa de Linhas e Ações Prioritárias. Os motivos para permanência em áreas com risco de afundamento do solo, isolados de outras pessoas e com problemas com pragas e segurança são os mais diversos. A maioria retrata um apego sentimental aos lugares, mas uma constante existe no discurso das pessoas que permanecem: a recusa da proposta de indenização feita pela Braskem.

¹ Recebe o nome de dolina (também conhecida popularmente como sumidouro) a depressão circular que ocorre em relevo cárstico e que se forma a partir da depressão de solo e rochas do teto de uma caverna por meio de uma drenagem subterrânea.

8. CANAL NO YOUTUBE

Os bairros atingidos pelo afundamento do solo em Maceió, após o processo de desocupação, também perderam parte da sua história, retratada em prédios que hoje estão numa situação bucólica de abandono. Muitos desses ficaram na memória dos antigos moradores, marcados por fazerem parte do convívio de milhares vizinhos que não existem mais.

O antigo “casarão” do Pinheiro, a sorveteria Belo Monte, a padaria Belo Horizonte, a estação do VLT em Bebedouro, o Centro de Treinamento do CSA no Mutange, são algumas das construções que desaparecem junto com seus respectivos bairros.

Assim como os prédios que ficam, alguns moradores se recusam a deixar suas casas, seus negócios e seus templos. Esse documentário nasceu da necessidade de mostrar como essas pessoas assistem, todos os dias, suas histórias serem apagadas a cada nova ordem de evacuação.

A escolha pelo formato audiovisual foi orgânica. Não existe meio mais fiel de levar um espectador a locais que ele não tem acesso do que por meio da imagem em movimento e do som.

A produção mais compacta também foi um atrativo por permitir a entrega de um material audiovisual em um curto espaço de tempo. “Neste sentido, a estrutura padrão de produção dos documentários – equipes menores, gravações em locações, estrutura de finalização mais compacta – garantiu que o investimento neste tipo de filme fosse mais atraente” (MARUNO, G. R., 2008).

A proposta de criar um canal apenas para o produto tem o objetivo de facilitar o acesso ao conteúdo por meio da plataforma online, democratizando o seu compartilhamento. O *YouTube* alcança um número maior de espectadores pela praticidade, permitindo que o usuário assista em qualquer lugar, através do aplicativo para smartphones.

Youtube é atraente porque é fácil de usar. Procurar vídeos é similar a procurar com o Google. Os usuários podem simplesmente digitar algumas palavras no campo de pesquisa para ordenar os vídeos disponíveis para visualização. O site também tem mais uma dúzia de categorias para navegar, incluindo comédia, entretenimento, música, e

esportes. Para assistir um vídeo, o usuário apenas clica no play. (ROWELL, 2011, p.58.)

Pela facilidade e uma busca intuitiva, a plataforma *YouTube* se apresenta como melhor opção para cadastrar um conteúdo de interesse público. As palavras-chave entram também como elemento facilitador. Outra, e talvez a maior justificativa para que esse material esteja disponível na plataforma, é a liberdade em tratar de um tema tão restrito nas redações dos meios de comunicação em Alagoas.

Um grande acordo comercial firmado entre a mineradora Braskem e a maioria dos meios de comunicação impede que a imprensa local dê a devida ênfase ao que está acontecendo em cinco bairros de Maceió por consequência da atuação da empresa, mesmo que ela não reconheça.

Disponibilizar o conteúdo no *YouTube*, para que qualquer pessoa do mundo tenha acesso, é um ato de democratização de informação.

LINK DO DOCUMENTÁRIO AINDA ESTOU AQUI NO *YOUTUBE*

<https://youtu.be/RIKF8g9e1CQ>

9. E COMO FICA QUEM FICA?

Questionada sobre a situação em que os moradores das áreas condenadas pela Defesa Civil se encontram, por nota, a Braskem explica que o cumprimento do Termo de Acordo, que possibilita o apoio à desocupação das áreas identificadas pela Defesa Civil, é fiscalizado pelas autoridades, e o Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação vem sendo constantemente aperfeiçoado a partir da escuta das demandas dos moradores e comerciantes. Entre os ajustes recentes, estão as resoluções que estabelecem prazos de referência para a apresentação de propostas e pedidos de reanálise.

A petroquímica ainda alegou que desenvolve ações de zeladoria para apoiar o trabalho do poder público no cuidado e segurança dos bairros. Assim que os moradores saem de suas casas e assinam os termos de desocupação, a Braskem envia equipes especializadas para fechar portas, janelas e esvaziar piscinas, evitando ocupação indevida e vandalismo. Também

promove mutirões de limpeza e de combate a pragas e presta apoio à segurança patrimonial com uma equipe de 256 profissionais que se revezam 24 horas por dia.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção do documentário Ainda Estou Aqui foi árduo do primeiro contato até a edição. A começar pela pauta, que a única maneira de checar a veracidade era indo até o local. O primeiro morador a aceitar falar sobre o problema não tinha mais ninguém que se dispusesse a tratar do assunto e essa foi a primeira barreira da continuidade das gravações.

Indo até outros bairros, os personagens foram surgindo, mesmo isolados em ruas distantes de outros vizinhos, sabiam que ali perto, mais alguém permanecia. A impressão que fica é que todos estão no limite, saturados em lidar com os mesmos problemas todos os dias e a última coisa que querem é falar, diante de uma câmera, sobre o que está acontecendo.

Uma área delimitada como de “Ilhamento Socioeconômico” foi traçada pelo GGI dos Bairros – Gabinete de Gestão Integrada para a Adoção de Medidas de Enfrentamento aos Impactos do Afundamento dos Bairros e enviada para a Força Tarefa do Ministério Público Federal (MPF) e para Braskem. Ela corresponde aos moradores que não estão em áreas de risco, mas que com a evacuação dos arredores, são afetados pela falta de serviços públicos e a recomendação é que essa parcela também seja realocada.

Os desdobramentos do caso do afundamento do solo nos bairros do Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto e Farol só provam que não existem perspectivas de que a situação melhore para os moradores.

O maior receio era retratar essas pessoas como vítimas de um desastre que foi evitado. Para quem precisou deixar a casa que passou uma vida inteira e para quem ainda permanece nela, por qualquer que seja o motivo, o desastre já aconteceu.

Tenho orgulho da coragem de tratar do tema com pessoas tão “calejadas” e que, mesmo assim, não evitaram me receber em suas casas e falar comigo. Espero que quem

tenha a oportunidade de assistir o documentário, saiba que Maceió continua enterrando histórias todos os dias, a cada morador negligenciado dos bairros afetados.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACAL, T. *Boca do lixo: o futuro da vanguarda*. Rio de Janeiro, v.06.01: 263 – 269, abril, 2016.

NICHOLS, Bill. *Introduction to Documentary*. Indiana, 2001.

MARUNO, G. R. *Cinema documentário brasileiro contemporâneo: análise do Banco de Dados da Agência Nacional do Cinema (1994 a 2007)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Multimeios. UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. 2008.

ROWELL, Rebecca. *YouTube: the company and its founders*. Minnesota, 2013.

TOMAIM, C. *A produção de documentário no Rio Grande do Sul na visão dos realizadores*. São Paulo, 2013.

Três questões sobre documentário. Folha de São Paulo, 04/03/2001.